

As Forças Armadas Francesas

Ten Cel Eng QEMA
JOB LORENA DE SANT'ANNA

*Como está hoje o Exército Francês,
que ajudou a formar os Chefes dos
nossos Chefes.*

Depois de 1945, a amarga experiência vivida e a evolução das relações internacionais, notadamente o desenvolvimento da "guerra fria", obrigaram as Forças Armadas francesas a passar por grandes transformações.

Essas mudanças estão em curso e é impossível indicar as orientações que prevalecerão (1). Mas vale um ligeiro bosquejo, baseado em livros e revistas atuais.

(1) Este artigo é escrito pouco após a morte de Pompidou, quando o gaulismo parece esfacelado e o candidato das esquerdas ameaça a França com promessas de "regime coletivista", oferecendo um terço do Ministério para ser integrado por comunistas.

O Exército Francês, considerado o "Grande Mudo", foi obrigado a falar em 1968 quando do "chien lit" que pretendia lançar, a França numa grande baderna.

O mundo aguarda com indistigável ansiedade para saber que rumos dará à França e o substituto de Georges Pompidou, discípulo dileto do General de Gaulle.

A nova concepção

A França adotou para suas Forças Armadas uma organização baseada numa nova concepção, concepção esta sintetizada em três pontos:

1.º) As condições da guerra moderna e a evolução das técnicas exigem, acima das distinções entre Exército, Marinha e Força Aérea, um comando único e fortemente centralizado.

2.º) A distinção admitida é a das metas, que tende a dar lugar à atual estrutura mais funcional, fundamentada sobre três diferentes objetivos: evitar a guerra; intervir em caso de conflito; defender o território.

3.º) As Forças Armadas se integraram, cada vez mais, à vida da Nação: a noção de serviço militar tende a ser substituída pela de serviço nacional.

Comando centralizado

As reformas de 1959 e 1961, suprimindo os Ministros das forças singulares, tiveram em mira assegurar a unidade de comando no escalão mais alto, como explicaremos a seguir.

O Presidente da República é o Chefe das Forças Armadas e preside os Conselhos e Juntas de Defesa. São esses o Estado-Maior da Defesa Nacional e o Conselho Superior de Defesa.

O General de Gaulle, desde 1958, foi ampliando os poderes do Executivo, transformando a 5.ª República Francesa praticamente em regime presidencial, dando mais estabilidade ao Primeiro-Ministro e ao Ministério. O Primeiro-Ministro dirige a ação do Governo, detendo, portanto, os poderes políticos mais importantes.

O Primeiro-Ministro é o responsável pela Defesa Nacional e, para tanto, prepara e conduz as operações militares. É, assim, membro dos dois órgãos de segurança acima citados o Estado-Maior da Defesa Nacional e o Conselho Superior de Defesa.

Diretamente subordinado ao Primeiro-Ministro fica o Ministro das Forças Armadas, responsável pela execução da política militar. Este Ministro dispõe de um Estado-Maior Combinado (oficiais das três forças singulares), um Secretário-Geral de Administração e um Delegado de Armamento. Este Delegado, dispondo obviamente de uma assessoria múltipla, garante o máximo possível de uniformidade para o material bélico empregado pelas três Forças.

Com a frequência necessária, é reunido, sob a presidência do Ministro das Forças Armadas, o Conselho de Chefes de Estado-Maior (do Exército, da Armada e da Força Aérea).

Um exército funcional

Para responder às exigências da guerra moderna, o Exército francês mantém três características, indispensáveis nas operações: mobilidade, rapidez e flexibilidade.

Engenheiros científicos, equipamento sempre novo e atualizado, além de uma grande variedade de tropas especializadas garantem a eficiência daquele Exército.

As forças especializadas são agrupadas segundo uma estrutura equivalente à de todos os grandes exércitos ocidentais. Organizam-se em brigadas com efetivos de 4.000 a 5.000 homens, que podem estar sob o comando de uma divisão.

Cada brigada comporta batalhões de carros (a arma anticarro por excelência, até a Guerra de Yum-Kipur), batalhões de Infantaria mecanizada, motorizada e blindada, além de grupos de Artilharia.

As brigadas pára-quedistas são homogêneas. Isto é, todos os seus elementos são aero-terrestres.

Unidades aerotransportadas e anfíbias podem ser enxertadas em qualquer tipo de brigada, se necessário.

Os elementos de apoio ao combate, em que ressalta a Engenharia, estão vinculados às divisões, em condições de integrar as brigadas.

Compromissos e missões

Coerentes com sua missão de defesa do território nacional e com seus atuais compromissos dentro da OTAN, as Forças Armadas francesas podem ser alinhadas em três categorias:

- 1.ª) Forças nucleares estratégicas;
- 2.ª) Forças combinadas de intervenção;
- 3.ª) Forças de defesa territorial.

As forças nucleares estratégicas têm a missão de dissuasão: evitar a guerra, fazendo demonstração de seu poderio ao inimigo em potencial.

Integrante do "Clube Atômico", a França tem considerável arsenal de armas nucleares terrestres, navais e aéreas.

Sucessivas gerações de "Mirage" vêm mostrando, em verdadeiros testes dinâmicos, ao mundo político e militar, a eficiência da engenharia aeronáutica francesa. Não faltaram observadores que atribuíssem a vitória israelense na "Guerra dos Seis Dias" àqueles aviões franceses.

Submarinos nucleares franceses já vêm singrando os oceanos desde 1970. Não obstante as reações dentro e fora do "Clube Atômico", a França tem prosseguido irredutível nas suas experiências nucleares subaquáticas e aéreas.

As forças combinadas de intervenção encontram-se vinculadas à OTAN. A França, palco, figurante, vítima e heroína das duas Guerras Mundiais, integra fiel e substancialmente as forças do Tratado do Atlântico Norte. Tem mais de 70.000 homens na Alemanha ou próximo à fronteira.

Ainda sob a epígrafe de intervenção, vamos encontrar forças navais, aeronavais e aerotáticas, somando mais de 250.000 t de capacidade flutuante, 300 helicópteros utilitários e de combate, 500 aviões de combate e 250 de transporte.

Lembramos que a divisão territorial brasileira em Regiões Militares é de inspiração francesa. A finalidade inicial,

lá e cá, é a defesa operacional do território. Conhecendo, ao longo de 70 anos, o dissabor de três invasões, a França procura não descurar da defesa de seu solo. Além da defesa aérea e das forças navais de defesa, conta com bem instruídas brigadas regionais e regimentos divisionários para a defesa operacional do território.

É intenção de todo francês manter a guerra afastada para fora de suas fronteiras, ainda mesmo que volte a ferver o "caldeirão europeu".

A Defesa e o Serviço Nacional

A doutrina francesa admite a multiplicidade de formas que atualmente podem tomar os conflitos internacionais. Guerra fria, guerra subversiva, guerra insurrecional, guerra limitada, guerra total são expressões que substituem o antigo binômio — guerra externa e, guerra civil. Pois a França, de Joana d'Arc e de De Gaulle, mística e pragmática, não sentiu na própria carne as dolorosas experiências da Indochina e da Argélia?

Entende-se hoje, e tornamos a repetir, lá e cá, que a defesa nacional deve ser assegurada em todos os tempos e em todas as circunstâncias, sob diversos aspectos: militar, político, diplomático, econômico, científico, psicológico, cultural e moral. Com efeito, não é mais questão de esperar o dia da "mobilização geral" para, então, armar todos os espíritos. A defesa nacional exige realmente a mobilização permanente de todas as forças vivas do país.

Assim, o serviço militar na França não é mais do que um aspecto particular do Serviço Nacional que compreende:

— o serviço militar tradicional, com o tempo de 18 meses, e que comporta um período de serviço ativo e períodos de instrução até a idade limite de 37 anos.

— o serviço de defesa, espécie de mobilização total de patriotas até os 60 anos.

A última reforma previa 600.000 militares ativos (sem contar a Gendarmeria, também subordinada ao Ministério das Forças Armadas) para garantir a defesa nacional, equivalendo a 1,2% da população francesa.

Dois terços do efetivo armado (400.000) pertencem ao Exército. A Força Aérea conta com 125.000 homens, e as restantes 75.000 são da Marinha de Guerra.

Esse um pequeno instantâneo das Forças Armadas da França, fator preponderante, a par da decantada cultura francesa, da segurança interna para o povo e do prestígio internacional para aquela nação amiga.

BIBLIOGRAFIA

GUIDE FRANCE — G. Michaud

Défense Nationale — Fevereiro de 1974

Défense Nationale — Março de 1974.

A eficiência de todo exército depende de diversos fatores, mas um deles se destaca — o moral. Podemos dispor de todo o material existente no mundo; sem moral pouco conseguiremos. Esse fator que temos de considerar antes de mais nada, é determinado por diversas condições; em primeiro lugar, depende naturalmente do prestígio dos chefes, da disponibilidade de equipamento e, afinal de contas, da população que permanece na Zona do Interior.

GEN G. MARSHALL